

SAÚDE MENTAL INFANTIL: Boas e Más Vinculações

por Emílio Eduardo Guerra Salgueiro*

I

Temos vindo a assistir, nos últimos dois, três, decénios, a grandes inflexões no campo da saúde mental, em especial no da saúde mental infantil.

Numa primeira inflexão – acontecida com uma maior rapidez, extensão e aprofundamento, ao longo dos últimos dez, quinze anos – poderemos incluir a revalorização do conceito de **vinculação** (Bowlby, 1951, 1969-1980; Mary Ainsworth, 1967, 1978; Mary Main, 1995, 1998; Peter Fonagy, 1996, 2001); os achados na área da **intersubjectividade precoce** (Colwin Trevarthen, 1974, 2007; Meltzoff, 1995, 2007; Daniel Stern, 1985, 2004, 2007 e Stein Braten, 1988, 2007); a descoberta dos **neurónios-espelho** (Di Pelellegriño, 1992; Gallese, 1992, 1996, 2007; Rizollati, 1992, 1996 e Ferrari, 2003, 2007); e, por fim, estudos psicanalíticos sobre **experiências primitivas de perda** (Robert Wasca, 2002; Hanna Segal, 2007).

O impacto destes novos conhecimentos ainda não penetrou o suficiente, nem no pensamento nem na prática clínica correntes.

* Pedopsiquiatra e psicanalista.

II

Comecemos pela **sociabilidade** do bebé, que estes achados afirmam, sem margem para dúvidas, ser precoce, muito precoce, ao contrário do que se pensava até ao fim dos anos sessenta, início dos anos setenta do século XX, onde se defendia haver uma lenta passagem de um egocentrismo originário para um interesse e capacidade de comunicação com os outros.

Sabe-se hoje em dia, que o impulso para a sociabilização se manifesta praticamente com o nascimento, vinca-se ao longo dos dois primeiros meses de vida, aprofunda-se e complexifica-se daí por diante, por todo o primeiro ano de vida.

Torna-se bem visível com os **protodiálogos** precocíssimos, que Trevarthen observou e tão bem descreveu, surgidos entre o bebé e a sua mãe, a mãe e o seu bebé.

O bebé nasce com uma capacidade para entender, de um modo directo e espontâneo, os estados de espírito da mãe, os seus pedidos, interesses e sentimentos e de lhes responder de um modo sintónico; por sua vez, a mãe também é dotado de uma capacidade para entender os estados de espírito do seu bebé e, também de um modo espontâneo, com ele sintonizar as suas iniciativas e respostas, tudo isto permitindo o crescimento de ligações ricas entre os dois, com uma partilha fina de emoções, de grande satisfação mútua (Braten e Trevarthen, 2007). *Tu compreendes-me, eu compreendo-te*: o bebé terá precocemente uma capacidade para se **centrar no outro (alter-centered)**, quase que se poderia dizer, capacidade para ‘vestir a pele do outro’, e não para permanecer, longamente, **centrado só em si próprio (self-**

centered), como até há pouco tempo se pensava (Braten, 2007). O **egocentrismo é posterior ao altercentrismo**.

Estes protodiálogos, que constroem cumplicidades apertadas, são mediados por movimentos, mímicas, posturas e sons de cada um dos parceiros (onde se destacam os movimentos e as iniciativas vocais da mãe), coordenados os de um com os do outro, estabelecendo-se ritmos ou pulsos nestas imitações, entendimentos e mutualidades.

Estes protodiálogos são criadores de uma empatia duradoura entre os parceiros, constituindo um elemento essencial na **vinculação mútua** e na construção de uma **‘confiança básica’ partilhada**, bem antes de se chegar à linguagem verbal.

Esta seria a **intersubjectividade primária** (Braten e Trevarthen, 2007), que conduz a jogos partilhados de troca e de imitação, sincrónicos ou “à vez”, de iniciativas alternantes, fazendo emergir sentimentos jubilatórios no bebé e na mãe (ou no pai). Aqui ficam construídas as **matrizes** do que virão a ser os ‘diálogos por palavras’, que assentarão sobre o **corpo precocemente emocionado** pelos protodiálogos intersubjectivos.

Sublinha Daniel Stern (2007) a importância do que designa por **capacidade de sintonização afectiva**, que mãe e bebé utilizariam para se entenderem, quase se diria para “adivinharem” o estado de espírito um do outro e partilharem os sentimentos que os acompanham. Os dois parceiros utilizam modos particulares de “imitação” trans-modal, por exemplo do visual para o sonoro ou para o corporal expressivo, e isto desde a nascença, podendo, por

isso, dizer-se, como Daniel Stern (2007) o faz, que surge precocemente uma “**psicologia de mentes mutuamente sensíveis**”.

Assim, a capacidade para se formar uma **ideia directa** do que se passa na mente do outro – o que a psicologia cognitiva designaria por uma “teoria da mente” – baseia-se nestes processos de **ressonância mútua**, insistindo Daniel Stern (2007) que têm mais a ver com sentimentos do que com cognições.

Vemos, facilmente, neste nascimento da intersubjectividade mãe-bebé, um caminho fecundo para o entendimento do **apego** ou **vinculação** que se estabelece entre eles.

Colwin Trevarthen (2003) insiste na insuficiência da **teoria tradicional da vinculação**, com a sua insistência na necessidade permanente de o bebé procurar a proximidade da mãe, solicitando uma ajuda vital para a regulação e manutenção de bons estados corporais: esta concepção teria sobretudo a ver com a **sobrevivência** do bebé.

Trevarthen propõe, em alternativa, ou em acréscimo, uma **teoria de companheirismo (companionship)**, que se alicerçaria nas emoções implicadas no adquirir conhecimentos sobre o Outro e sobre o mundo, neste modo de “enriquecimento cultural” intersubjectivo, que conduziria à construção de uma auto-confiança feliz: seria uma teoria de **vida**, não de sobrevivida.

A descoberta dos **neurónios-espelho**, ocorrida em meados dos anos noventa e que se deveu a um grupo de investigadores italianos da Universidade de Parma, veio dar um suporte neurofisiológico credível a muitas destas descobertas e intuições.

Di Pellegrino, Gallese, Risollato e Ferrari, entre outros, foram publicando, desde 1992, os resultados de uma série de investigações que conduziram à ideia de existir um grupo especial de neurónios, que se activam a partir de acções observadas num outro, permitindo respostas ‘em espelho’ ou ‘em simpatia’ espontâneas, não dependendo de um aprendizado, nem de processos mentais conscientes, planeados: esta capacidade seria geneticamente determinada.

Estaria, por exemplo, na base da capacidade de um bebé, com horas de vida, deitar a ‘língua-de-fora’, em resposta a um adulto que o tivesse feito em primeiro lugar, depois de, cuidadosamente, lhe ter conseguido captar a atenção: a visão da ‘língua-de-fora’ do adulto, estimularia os neurónios-espelho do bebé, que, por **activação trans-modal visão-cenestesia**, provocaria a resposta praxica, directa, no bebé, de pôr a sua ‘língua de fora’ – os neurónios-espelho desempenhariam, pois, precocemente, um importante papel na vida relacional, conforme investigações posteriores vieram a confirmar.

As investigações que se vieram a levar a cabo posteriormente por técnicas imagiológicas e magnetoencefalográficas complexas, foram confirmando estas descobertas, o que nos permitiu adquirir o que Gallese (2006) designa

por **embodied-simulation**, ou simulação-de-acção-vivida-no-nosso-próprio-corpo, possibilitando uma compreensão directa das intenções dos outros.

Investigações recentes, implicam perturbações no funcionamento dos neurónios-espelho, que se reflectem nas intersubjectividades precoces, como constituindo um componente importante em sociopatias, nalgumas perturbações da personalidade, no autismo e, mesmo, na esquizofrenia (Stern, 2007).

Novos achados de áreas e de funções, seguramente surgirão em breve, mas é de sublinhar a aparente grande fecundidade do conceito de neurónio-espelho, que poderá vir a ajudar a entender melhor, conceitos como a intuição, a comunicação pela mímica e pela postura corporal sem palavras, os processos de identificação, de transferência-contratransferência e de psicoterapia, e, até, as relações de amizade e o apaixonamento (Stern, 2007).

Quanto aos **avanços psicanalíticos**, será de destacar o aprofundamento das ideias de Melanie Klein e de Wilfred Bion, efectuado por Hanna Segal (2007) e Robert Wasca (2002), em especial sobre o mecanismo da **identificação projectiva** e a importância da sua compreensão, quando num tratamento psicanalítico surgem os efeitos de **experiências primitivas de perda**. A ajuda aos pacientes que revelam este tipo de sofrimentos – angústias catastróficas, uma depressividade crónica grave, uma incapacidade em manter relações próximas, amorosas ou de amizade – parte da análise aprofundada das dimensões comunicativa e evacuativa da identificação projectiva, e da fantasia implícita de ter destruído ou danificado gravemente o Outro, o que, em espelho ou em retaliação, não pode deixar de atingir o

próprio que se sente aterrorizado e culpado do mal imaginário causado a esse Outro. A intersubjectividade precoce, seguramente, correu mal. Este entendimento constitui um instrumento poderoso na ajuda psicoterapêutica a processos depressivos graves.

III

O entendimento de como é construída a saúde mental, está, hoje em dia, intensamente **vinculado** a todos os achados e descobertas, recentes, que acima descrevemos. Como vimos, estes achados estão em ‘polinizações cruzadas’ intimamente **vinculados** uns aos outros.

Do que foi dito, ressalta a ideia de que a psicopatologia mais complexa tem raízes precoces, e que quanto mais próximo das **perturbações da intersubjectividade** nos conseguirmos colocar, mais fácil poderá ser a prevenção da sua **transformação em perturbações crónicas** da área da saúde mental, tanto na vertente pessoal, como na vertente social.

A **árvore do nascimento precoce da humanização do bebé** tem de ser cuidada, regada, ensolarada, alimentada, podada e enxertada: um bom entendimento dos procedimentos necessários já existe. Há que pensar sobre eles, pô-los em prática e reflectir sobre os resultados.

IV

Falemos, agora, um pouco sobre educação: toda a educação, por definição, é especial.

Especial na proximidade que procura estabelecer com as crianças e com os jovens, especial no aproveitamento que procura ter do que existe em cada um de pessoal e de irrepetível.

Todo o processo educativo, em sentido lato, tem que ser especial no modo como vai fazendo uso da curiosidade natural das crianças e do seu ímpeto para apreenderem tudo o que as rodeia, especial no modo como procura ajudá-las no contornarem as suas dificuldades de crescimento e de desenvolvimento.

As descobertas das ciências humanas contemporâneas, de que temos vindo a falar, são relevantes em todo este processo.

Os conceitos, que têm na sua base a descoberta dos ‘neurónios-espelho’, a valorização das intersubjectividades, da empatia e da simpatia, a confiança depositada nas capacidades inatas de comunicação imediata entre os dois intervenientes numa relação primária e na autenticidade relacional daí derivada, têm óbvias implicações no processo educativo. Educador e aluno podem estabelecer uma ‘comunicação intersubjectiva primária’, que constituirá um suporte firme ao processo educativo específico.

A capacidade para se sentirem na pele um do outro, para o altercentrismo – elemento essencial na intersubjectividade primária – adquire no processo educativo, uma relevância singular.

Os conceitos actuais de vinculação ou de apego, a sua ênfase na necessidade vital de um ‘companheirismo prolongado’, ainda que tardio, pode ajudar-nos

a compreender melhor o conceito de ‘resiliência’. Isto é, da capacidade de recuperação que as crianças e os jovens podem desenvolver, quando bem ajudadas, mesmo depois de um princípio de vida negativo, sob o ponto de vista relacional-afectivo e intelectual.

Justificam-se reacções adequadas da parte do educador, perante posturas da criança de oposição, de desligamento, de destruição e de vontade de ‘não saber’, derivadas de ‘experiências primitivas de perda’.

O educador tem que manter uma postura de entusiasmo autêntico, de elogio real, de serenidade e de impavidez, perante afirmações de desânimo e reivindicações hostis, exacerbadas, do valor da manutenção da ignorância. Será este o único processo de se chegar a uma reequilibração dual, que ajude um crescimento de ambos, pois que, por definição, todo o relacionamento dual implica os dois membros, quer para o lado do benefício, quer para o lado do prejuízo.

O educador tem, no entanto, uma responsabilidade acrescida, derivada de uma maior experiência de vida, do entendimento primário conseguido, devendo disponibilizar-se para posturas mais avançadas

de acolhimento,

de contenção,

de suporte,

de organização,

e, por fim, de uma estimulação afectivo-cognitiva, ajustada àquela criança concreta (Salgueiro, 1996).

31 de Agosto de 2021

BIBLIOGRAFIA

TREVARTHEN, C. (1979). Communication and cooperation in early infancy. A description of primary intersubjectivity. In M. Bullowa (Ed.) *Before Speech: The Beginning of Human Communication*. London, Cambridge University Press, 321-347

TREVARTHEN, C. (1974). The psychobiology of speech development. In E.H. Lenneberg (ed), *Language and Brain: Developmental Aspects*. Neurosciences Research Program Bulletin, 12: 570-585.

MELTZOFF, A. N. (1995). Understanding the intentions of others: Re-enactment of intended acts by 18-month-old children. *Developmental Psychology*, 31, 838–850.

MELTZOFF, A. N. (2007). ‘Like me’: a foundation for social cognition. *Developmental Science*, 10, 126–134.

MELTZOFF, A. N. (2007). The ‘like me’ framework for recognizing and becoming an intentional agent. *Acta Psychologica*, 124, 26–43.

MELTZOFF, A. N., & BROOKS, R. (2007). Intersubjectivity before language: Three windows on preverbal sharing. In S. Bråten (Ed.), *On being moved: From mirror neurons to empathy*. Pp. 149–174. Philadelphia, PA: John Benjamins.

AINSWORTH, M. D. S. (1968), Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.

AINSWORTH, M., S., BLEHAR, M. C., WATERS, E., & WALL, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

BOWLBY, J. (1951). *Maternal care and mental health*. World Health Organization Monograph (Serial No. 2).

BOWLBY, J. (1969), *Attachment and loss*, Vol. 1: Attachment. New York: Basic Books.

BOWLBY, J. (1973). *Attachment and loss*, Vol. 2: Separation. New York: Basic Books.

BOWLBY, J. (1980). *Attachment and loss*, Vol. 3: Loss, sadness and depression. New York: Basic Books.

BRÅTEN, Stein (1988). Dialogic Mind: The Infant and the Adult in Protoconversation, in M. Carvallo (ed.) *Nature, Cognition and System*, Vol. I, pp. 187-205. Dordrecht: Kluwer.

BRÅTEN, S. (ed.) (2007). *On being moved – From mirror neurons to empathy*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. Pp. 1-47.

BRÅTEN, S. e TREVARTHEN, C. (2007). “From infant intersubjectivity and participant movements to stimulation and conversation in cultural common sense”. in *On being moved – From mirror neurons to empathy*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. Pp. 21-34.

FERRARI, P.F., GALLESE, V., RIZZOLATTI, G., & FOGASSI, L. (2003). Mirror neurons responding to the observation of ingestive and communicative mouth actions in the monkey ventral premotor cortex. *European Journal of Neuroscience* 17:703—1714.

FONAGY, P. (2001) *Attachment theory and psychoanalysis*. New York, NY: Other Press.

FONAGY, P., LEIGH, T., STEELE, M., STEELE, H., KENNEDY, R., MATTOON, G., et al. (1996). The relation of attachment status, psychiatric classification, and response to psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 22-31.

GALLESE, V. (2006). Intentional attunement: A neurophysiological perspective on social cognition and its disruption in autism. *Brain Research*, 1079, 15-24.

GALLESE V. (2007). Before and below 'theory of mind': embodied simulation and the neural correlates of social cognition. *Philosophical transactions of the Royal Society of London*. Series B, Biological sciences, 362(1480), 659–669.

GALLESE, V., FADIGA, L., FOGASSI, L., & RIZZOLATTI, G. (1996). Action recognition in the premotor cortex. *Brain*, 119, 593-609.

MAIN, M. (1995). Attachment: Overview, with implications for clinical work. In *Attachment Theory: Social, Developmental and Clinical Perspectives*, ed. S. Goldberg, R. Muir & J. Kerr. Hillsdale, NJ: Analytic Press, pp. 407—474.

MAIN, M. (1999). Epilogue. Attachment theory: Eighteen points with suggestions for future studies. In *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*, ed. J. Cassidy & P.R. Shaver. New York: Guilford Press, pp. 845—888.

di PELLEGRINO, G., FADIGA L., FOGASSI L, GALLESE V, RIZZOLATTI G. (1992) Understanding motor events: a neurophysiological study. *Exp Brain Res*. 91(1):176-80.

SALGUEIRO, E.G. (1996). Sentir, pensar e aprender – Homenagem a Serge Lebovici no seu 50º aniversário, *Análise Psicológica*, 4, XIV, pp.53-59.

SEGAL, H. (2007) *Yesterday, Today and Tomorrow*. Routledge. London

STERN, D. (1985) *The Interpersonal World of the Infant: A View from Psychoanalysis and Developmental Psychology*. New York: Basic Books.

STERN, D. (2004). *The present moment: In psychotherapy and everyday life*. London, W. W. Norton & Co.

STERN, D. (2007). “Applying developmental and neuroscience findings on other-centred participation to the process of change in psychotherapy”. in *On being moved – From mirror neurons to empathy*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. Pp. 36-47.

TREVARTHEN, C. (2003). Comunicação Oral no Centre Alfred Binet, em Paris, em 23. 05. 2003.

WASKA, R. (2002) *Primitive Experiences of Loss: Working with the Paranoid-Schizoid Patient*, Karnac, London.